AUGUSTO RODRIGUES: É... O senhor teve essa suspeita de que pudesse ser a família, os irmão da Doraci?

JOSÉ FERREIRA: É.

AUGUSTO RODRIGUES: E... Aí os irmão da Doraci teriam matado a irmã e matado o... O cunhado?

JOSÉ FERREIRA: É, é. Exato.

AUGUSTO RODRIGUES: E era a suspeita que o senhor tinha?

JOSÉ FERREIRA: Sim.

AUGUSTO RODRIGUES: Alguém das relações tinha alguma outra suspeita, que o senhor ouviu falar? Outra hipótese?

JOSÉ FERREIRA: Não que eu ouvisse falar, não, tinha não. Não tenha... Não sei, essa aí não tem mais, assim, a... Quem quer que seja, de suspeito, não.

AUGUSTO RODRIGUES: Não surgiu alguma suspeita relativa a ser os órgãos de repreensão que tivessem matado ele, não?

JOSÉ FERREIRA: Não, num... A gente ficava assim... Fica em dúvida, sabe? Pra entrar na casa da pessoa, é preciso ser muita gente esperta que possa abrir, ou gente da família. O da família que pesou mais, né? E eu descartei que pudesse uma queima de arquivo, né, por exemplo. Na época eu não pensei muito nisso, não. Aí falei: “ô, deixa do tamanho que tá, porque... Encerra aqui, porque senão ninguém aguenta, né? E es pode explorar a gente, inventar informação falsa, né?” Aí parou. E eu, quero crer que, sobre a família lá, que não seja, que não seja ninguém de lá.

AUGUSTO RODRIGUES: E passado esse tempo todo, e tudo que o senhor já vivei depois, o que é que o senhor acha que aconteceu?

JOSÉ FERREIRA: Não eu realmente, Augusto, eu pus uma pedra em cima, eu não quis matutar muito, não. Nada, eu não pensei mais, assim, nada não. Não pensei, porque falei: “isso não vai levar a lugar nenhum”. Família já tá desgastada, já tá toda, né? Assim sentida, deixa do jeito que tá. E aí então parou por ai, que eu pedi. Aí eu fui até na palma, fui lá no cemitério, acompanhei tudo. E de vez em quando ia lá. Mamãe, né? Falou “quero vê meu... A sepultura do meu filho”. Ela morava com (trecho incompreensível) Arcos, falei: “não, vou ajeitar aqui, mãe, depois vou levar a senhora lá.” A gente ia visitar o túmulo. Mais daí em diante falei “não”, fui tranquilo e vou lá tranquilo, mas não vou lá deve ter uns 20 anos que eu não vou em (trecho incompreensível)). É, em que falei “não, sei lá se tem qualquer coisa lá assim nesse sentido, né?”

AUGUSTO RODRIGUES: As duas famílias perderam o contato, né?

JOSÉ FERREIRA: Total, total. Tanto o Farley, filho dele, deve ter quase 30 asno ou mais, nunca mais eu vi. A Flávia tá lá pra Pirapora, casada, também não tive contato. Desse tempo todo recebi um telefonema da Glaucia, falando-se ao seu respeito: “Uai, ti, o senhor sumiu!” É, falei “não, tal” aí, é pra lá melhor, é es pra lá e nós pra cá, né? Bem melhor. Que não deixa de, a gente ser referências, ele é irmão do Flávio que eles mataram, que foi preso, aí é normal, a referência é essa. Então falei “não, vou ficar pra cá mesmo”, achei por bem, ficar. Não que eu quisesse, ou que eu queira que seja assim, mas a situação pede pra gente fazer assim, e mesmo assim, depois de muitos anos que ele morreu, assim de vez em quando eu ia lá, na casa da Dona Geralda, Senhor Tonico, meus Irmãos e...

AUGUSTO RODRIGUES: A Geralda é a mãe da...

JOSÉ FERREIRA: Da Doraci.

AUGUSTO RODRIGUES: Doraci.

JOSÉ FERREIRA: É.

AUGUSTO RODRIGUES: São vivos?

JOSÉ FERREIRA: Ah! Ela tá quase terminando lá, em uma fase terminal pelo que eu... A Glaucia me falou o dia que ela me telefonou, né? Seu Tonico já faleceu.

AUGUSTO RODRIGUES: O senhor acha que o Flávio... A família da... Deixa eu mudar a pergunta. A família da Doraci tem a, a... Essa convicção de que o Flávio matou a Doraci?

JOSÉ FERREIRA: A com...

AUGUSTO RODRIGUES: E suicidou? Ocê não sabe, né?

JOSÉ FERREIRA: Não sei, não. Mas a tendência de crê, foi assim.

AUGUSTO RODRIGUES: Pelas... Por essa distanciamento, é por considera-lo como responsável?

JOSÉ FERREIRA: É, é nesse sentido, é... Es têm quase certeza que foi ele que matou.

AUGUSTO RODRIGUES: O senhor vê o Flávio como possível de realizar esse ato?

JOSÉ FERREIRA: Pois é, senhor, nossa família é pacata até mandar parar. Não briga, não tem briga com nada, nós nunca... A minha família nunca foi, vamos dizer assim, nas barras de qualquer tribunal, nem em delegacia, nem testemunha de nada, um povo muito pacato. E por essa convicção e é porque a gente é, ele, ele não tinha convicção de matar não. Não tinha, não. Pelo DNA, né?

AUGUSTO RODRIGUES: Uhum.

JOSÉ FERREIRA: A não ser que tenha havido um, um curto circuito nele lá e mudou, mais não dá pra, pra admitir que ele fosse capaz de fazer isso, a não ser que ele perdesse um pouco a

razão, mas não tinha motivo perder a razão. Em si não. E, tem... Augusto, por exemplo, na véspera dele morrer, com a letra dele gostava de anotar tudo que ele ia fazer. Tava lá a vizinha... Ele escreveu como tarefa a ser feita “comprar um carro pra Doraci”, isso era, quer dizer, bem na véspera, né? Ele não foi assim, ficou uns dias, que ele escreve, fica, depois vai ver isso aí. Eu acho que isso aí é uma coisa que demente, pelo menos aparentemente, a intenção de uma pessoa querer matar a companheira, a esposa. Então eu fico assim: “como é que ele ia...” Que a gente da nossa família é muito assim “falou, cumpra-se”, falei que eu vinha aqui hoje com cê, por exemplo, ah, podia chover canivete fechado, eu vinha. É nesse sentido, né? Entanto a gente fica nessa dúvida de, de ver ele fazer isso assim. Agora tem outros agravantes que a gente não conhece que foge do conhecimento da gente, não tem, aí não tem jeito.

AUGUSTO RODRIGUES: O senhor falou da família pacata, né? Da família...

JOSÉ FERREIRA: Sim.

AUGUSTO RODRIGUES: Ferreira da Silva muito pacata.

JOSÉ FERREIRA: Sim.

AUGUSTO RODRIGUES: O Flávio fugia um pouco desse perfil na medida que ele se propunha a resolver situações e denunciar, ou seja, ele era um pouco diferente do resto da família?

JOSÉ FERREIRA: Ah! Sem dúvida. Nesse ponto ele fugia dessa, dessa... Sistema bulico que nós temos, né? Aí ele fugia um pouco e eu achava que fosse até o motivo do trabalho dele ou forçar a barra pra conseguir o que ele queria, coisa assim. Mas a gente não, não comunga com esses princípios, porque não tem na família ninguém, desde dos antepassados ali dentro da nossa família, não tem ninguém que tenha atentado contra a vida de ninguém, mais isso não, não... Com isso eu não quero justificar ninguém, mas pelo menos não tem, então se tem esse agora, parece uma exceção, né? No caso.

AUGUSTO RODRIGUES: O Flávio era uma pessoa muito ciumenta?

JOSÉ FERREIRA: Ciúme talvez sim, mas possesivo, nem nesse sentido. Ele era muito possessivo, mas não é só... É com as coisas dele em si. Ele guardava as coisas dele, zelava, coisas materiais, coisas conjuntas, e muito assim, meio conservador, as roupas, sapato, ele tinha umas coisas assim que ele gostava, e fazia um museuzinho dele lá e ninguém podia mexer nas coisas dele, não. É, desse jeito.

AUGUSTO RODRIGUES: Mas as matérias e o próprio inquérito, uma vizinha dele disse que tem certeza que foram os ciúmes, não sei se o senhor teve essa informação desse...

JOSÉ FERREIRA: Uhum.

AUGUSTO RODRIGUES: Desse inquérito, uma vizinha que foi, síndica com o Flávio.

JOSÉ FERREIRA: Sim.

AUGUSTO RODRIGUES: Não me ocorre o nome dela agora, ela fala isso. O senhor acha que poderia tá aí uma das... É uma possível explicação do fato, ou seja, seriam ciúmes? E essa coisa possesiva dele?

JOSÉ FERREIRA: Sim, pode ser um jogo da Doraci pra provoca-lo, pode ter causado isso também, porque a Doraci, ela sabia em que ponto que ela ia mexer. Mas ela era muito extrovertida, a Doraci, muito, muito familiar, muito, assim, não dava pra gente notar, não. Mas pode tá aí uma possibilidade, sabe? Ela pode ter brincado, isso é só hipótese, uma coisa que tinha consequência, às vezes imprevisível... Não vou falar imprevisíveis, vou falar no singular, pode, porque beber ele não bebia, não.

AUGUSTO RODRIGUES: Uhum.

JOSÉ FERREIRA: Fumava mas depois ele foi deixando também, então, naquele tempo não havia uso de droga, né? Praticamente não.

AUGUSTO RODRIGUES: Uhum.

JOSÉ FERREIRA: Então ele gostava de uma aventura. Às vezes ele aproximou-se do... Era uma facçãozinha criminosa de Minas, porque ele foi no Jardim Zoológico no Rio, perdeu a maletazinha dele com a máquina fotográfica, documento, aí depois alguém achou, pegou endereço, telefonou pra ele, se identificou que era desse... Era um movimento de Minas, pareceu uma flor lá nela, uma coisa assim, não sei como é que chama, não, agora eu não me recordo, e ele ficou todo satisfeito falou: “Tá vendo? Esse povo tem responsabilidade.” Achava que não: “Tá vendo? Não pode combater esse povo sendo como ruim, a lá, achou minha mala, não mexeu, achou meu contato, teve, tá aí, me devolveu.” Falei: “então tá”.

AUGUSTO RODRIGUES: Era um pessoal... Uma facção criminosa do Rio?

JOSÉ FERREIRA: Do Rio, mas que atuava um pouquinho em Minas. Ela ficou famosa aí à época, mas não recordo o nome agora. Acho que o símbolo dela o... Como é que é o marketing era, era uma rosa, mas não era rosa, rosa era desenhada, então tinha isso aí na época.

AUGUSTO RODRIGUES: Camila, cê tem alguma dúvida, Camila, pra tirar? Camila não conhece o caso bem, né, Camila? Ela não conhece muito detalhes, não, mas talvez na fala, você... Te ocorrer alguma coisa?

CAMILA AMERICANO: É deixa... Se o senhor puder dizer, onde ele morava, quando ele, antes de ser prefeito, ou logo depois...

JOSÉ FERREIRA: Sim.

CAMILA AMERICANO: Precisar de ser prefeito, ele não chegou a ser simpatizante de algum movimento social ou de algum partido político?

JOSÉ FERREIRA: Não, não deu tempo dele fazer nenhuma, nenhuma opção por isso, não, pra nosso conhecimento, não, e ele detestava movimento fechado, qualquer um, mesmo fosse um movimento ou mesmo na sociedade, ele não aceitava isso, não. Achava um incomodo essa situação. Ele nunca filiou, por exemplo, à Maçonaria por isso. Foi convidado muitíssimas vezes, falou: “Não, não quero isso, porque casa que não abra porta pra ninguém, só pra determinado tipo não serve pra mim.” Isso, ele falava isso com a gente. Ele nunca frequentou... Ele filiou ao partido por causa da candidatura dele em si, que tem que ser, né, todo mundo.

AUGUSTO RODRIGUES: Uhum.

JOSÉ FERREIRA: Mas ele falar assim: “Eu, esse é meu pagar.” Isso não, não aceitava isso fácil, não, né?

AUGUSTO RODRIGUES: O senhor fala que o Flávio tinha esse receio, de alguém vir conversar com ele e ser um...

JOSÉ FERREIRA: Uhum, uma pessoa de...

AUGUSTO RODRIGUES: Um informante, né?

JOSÉ FERREIRA: Sim, sim.

AUGUSTO RODRIGUES: Ele teve esse... O Dops teve um monitoramento nele depois ou cê acha que com a inocência da decretação da liberdade dele, o Dops esqueceu dele? Ou seja, esqueceu dele ou manteve uma...

JOSÉ FERREIRA: Não, tinha uma certa vigilância dele. Inclusive o moço que... O delegado que morava lá em Arcos, era de frente à casa paroquial, e era do Dops e tava de olho nele. Doutor Marcos Célio não sei de quê, ele mesmo falou comigo, né? Ficava lá o tempo todo que ele ia lá na casa me visitar, ouvi...

AUGUSTO RODRIGUES: Visitar o senhor?

JOSÉ FERREIRA: O Flávio, mas o Doutor Marcelo não. O Flávio ia me visitar, era assim ó, na mesma rua, Rua Moacir Franco, lá em...

AUGUSTO RODRIGUES: O Flávio morou em Arcos?

JOSÉ FERREIRA: Não, mas ele ia lá me visitar.

AUGUSTO RODRIGUES: Sim.

JOSÉ FERREIRA: E a notícia ali comigo que era mais fácil, né? Então esse Doutor Marcelo sim, ele vangloriou foi da morte do Flávio comigo. Então falei: “ah, não, tenho que tomar cuidado” E aí então, por essa... Ou mera coincidência, né? Eu num ficava olhando lá ele não. Ele é delegado

pra lá e eu sou o padre pra cá, nunca me preocupei dele tá morando ali, então foi uma coincidência, mas ele já me abordou algumas vezes a respeito do Flávio, esse Doutor Marcelo.

AUGUSTO RODRIGUES: Com o Flávio vivo?

JOSÉ FERREIRA: Flávio vivo. Uma vez ele falou: “Padre, avisa aí pra ninguém soltar foguete, dia 12 de outubro o Regime Militar não olha isso com bons olhos.” O que que o padre fez? “Gente, dobra a quantidade!”

AUGUSTO RODRIGUES: O que é que é 12 de outubro?

JOSÉ FERREIRA: Nossa Senhora Aparecida.

AUGUSTO RODRIGUES: Ah.

JOSÉ FERREIRA: Eu falei: “Aí eu não vou... Eu não vou proibir o povo de manifestar pra Nossa Senhora essa coisa”.

AUGUSTO RODRIGUES: Mas o... Então nós estamos sem uma... Sem formar uma ideia na... Pra cá por causa da morte do Flávio. O senhor não tem uma ideia do quê que pode ter acontecido, não, né?

JOSÉ FERREIRA: Não, eu não.

AUGUSTO RODRIGUES: Não tem nada que prevaleça, não, na...

JOSÉ FERREIRA: É. Não tem um agravante assim, né? Uma coisa clara que nos leva à morte dele, não tem.

AUGUSTO RODRIGUES: Nem pra decidir entre um assassinato e um suicídio, também aí o senhor não...

JOSÉ FERREIRA: Também eu tenho dificuldade de afirmar uma coisa ou outra, sempre dúvidas se ele foi assassinado ou se ele cometeu, né? Essa ação de assassinato, por exemplo, matar e se matar... Não tenho...

AUGUSTO RODRIGUES: Certo. Eu, eu...

CAMILA AMERICANO: Eu tenho uma pergunta.

AUGUSTO RODRIGUES: Ãhn?

CAMILA AMERICANO: Eu tenho uma pergunta.

AUGUSTO RODRIGUES: Ah! Pois não.

CAMILA AMERICANO: Você chegou a ter acesso ao inquérito?

JOSÉ FERREIRA: Não. Eu não tive, não. Acesso, não. Nada, nada.

CAMILA AMERICANO: Ao inquérito policial...

JOSÉ FERREIRA: Nenhum, nenhum.

CAMILA AMERICANO: Sobre a circunstância da morte.

JOSÉ FERREIRA: Negocio do DOPS, né? Que no caso aí foi o DOPS que acompanhou isso aí.

AUGUSTO RODRIGUES: Foi a Polícia Militar.

JOSÉ FERREIRA: Pois é mais, mas o DOPS tá envolvido nesse inquérito, tanto é que eu fui mais no DOPS do que na Polícia Militar na época.

AUGUSTO RODRIGUES: Depois da morte dele?

JOSÉ FERREIRA: É.

AUGUSTO RODRIGUES: Ah!

JOSÉ FERREIRA: É, foi mais DOPS do que a Polícia Militar. E o Tonico Aranha, que é o Seu Aimoré Aranha, também ficou dependendo de, do DOPS até um certo ponto. Eu não sei se ele por acaso foi à delegacia. Então sobre isso eu não fiquei, tomei conhecimento não.

AUGUSTO RODRIGUES: Mas quando o senhor chega no apartamento, as filhas, os filhos, já eram três, né?

JOSÉ FERREIRA: Era.

AUGUSTO RODRIGUES: Não estão lá, não, né? Isso?

JOSÉ FERREIRA: Não, nada. Não tinha ninguém lá.

AUGUSTO RODRIGUES: Nem polícia, nem ninguém?

JOSÉ FERREIRA: Nada, nada.

AUGUSTO RODRIGUES: O nome do senhor consta no inquérito.

JOSÉ FERREIRA: Que eu tive lá no apartamento, né, ou não?

AUGUSTO RODRIGUES: Não fala, não diz que foi no apartamento, não. Fala que o senhor esteve lá, o senhor e uma irmã do senhor, né?

JOSÉ FERREIRA: Carmelita.

AUGUSTO RODRIGUES: A Carmelita, que os irmãos José e a Carmelita estiveram aqui e assim... E tem um termo assim, assumiram a responsabilidade do apartamento, né?

JOSÉ FERREIRA: É, quem foi lá vê como é que tava, né?

AUGUSTO RODRIGUES: É.

JOSÉ FERREIRA: Porque o pessoal da Palma, lá da Palma, ia demorar ou talvez nem viesse. Mas nós falamos: “nós temos que tomar uma frente porque...”

AUGUSTO RODRIGUES: É.

JOSÉ FERREIRA: Meu tempo era pouco, que eu tinha a paróquia pra tá no altar para os meus trabalhos...

AUGUSTO RODRIGUES: É.

JOSÉ FERREIRA: E aí então nós fomos lá, que... Rapidamente que a gente chegava lá pra ver, e que a gente ia lá antes sempre, sempre.

AUGUSTO RODRIGUES: Mais alguma pergunta, Camila?

CAMILA AMERICANO: Só isso mesmo.

JOSÉ FERREIRA: Eu não quis seguir nenhum inquérito, não, que eu falei “ah! A gente fica assim meio devassado” né?

AUGUSTO RODRIGUES: Uhum.

JOSÉ FERREIRA: Que na ideia da gente, falei: “queria vivo”, não tá vivo, nenhum dos dois, então vão encerrando isso aqui, porque não vai resolver o que a gente... O que eu queria, né? O que eu queria. Mas não é, eu falei: “então encerra isso aí, porque senão ninguém aguenta”. Eu quis acompanhar, porque, se o pessoal da Palma não entrasse no mérito da questão, ficava uma coisa nem inicial não ia ter, né? Eles encerravam tudo lá e fechava, pronto, acabou. Eu fui insistente mais nesse sentido, em busca de uma pergunta, né? Com quê que foi isso? Que... por que que aconteceu? Mas não deu seguimento assim, não.

AUGUSTO RODRIGUES: Eu agradeço...

JOSÉ FERREIRA: Pois não.

AUGUSTO RODRIGUES: A boa vontade do senhor em vir a Belo Horizonte.

JOSÉ FERREIRA: Não, a gente tá aí pra...

AUGUSTO RODRIGUES: E agradeço os esclarecimentos.

JOSÉ FERREIRA: Pois é, eu tô fazendo também em homenagem a Flávio, que é meu irmão etc. e tal. Ele era esperança nossa em tudo. Estudo, profissionalmente, visão do mundo que ele tinha que a gente não tinha, né? Então era o ponto de referência, mas ele não era o cavalinho de carga, não, né? Ele ia seguir a vida dele e nós acompanhado e ia, trocando ideia com ele, mas...

AUGUSTO RODRIGUES: O senhor era mais novo do que ele?

JOSÉ FERREIRA: Sou, eu sou o caçula da turma, né? Então eu me espelhei muito em muita coisa que ele fazia, mas vocação pra jornalista eu não tinha, não, né?

AUGUSTO RODRIGUES: Ele era qual na, da sequência?

JOSÉ FERREIRA: Ele, só deixe-me ver... Tem o Sinval, Oscar, Euclides, Flávio. Talvez o quarto, talvez, né? Depois tem a Carlinda, tem a Sideral, Carlinda, Carmelita e Corina.

AUGUSTO RODRIGUES: Ah!

JOSÉ FERREIRA: É.

AUGUSTO RODRIGUES: E aí o senhor?

JOSÉ FERREIRA: É.

AUGUSTO RODRIGUES: O último?

JOSÉ FERREIRA: É. Camelita era caçula das mulheres, eu caçula dos homens, então é isso aí.

AUGUSTO RODRIGUES: O senhor é de 42?

JOSÉ FERREIRA: Isto.

AUGUSTO RODRIGUES: Então em 64 o senhor tinha 22 anos?

JOSÉ FERREIRA: Uhum.

AUGUSTO RODRIGUES: E quando ele morre, o senhor tinha 33?

JOSÉ FERREIRA: É, é isso mesmo.

AUGUSTO RODRIGUES: Quando ele morre tavam todos os irmãos vivos?

JOSÉ FERREIRA: Todos vivos, todos. Depois é que eles foram falecendo, pouco a pouco.

AUGUSTO RODRIGUES: O pai do senhor tava vivo também nessa época?

JOSÉ FERREIRA: Não, não. Quando eu nasci, em 1942, meu pai já tinha falecido há um mês. Eu já nasci órfão de pai. Então tem isso também. Aí viemos aos poucos, né? Trabalhando e... Igual todo mundo, né? Pois é, eu agradeço...

AUGUSTO RODRIGUES: Então muito obrigado!

JOSÉ FERREIRA: Seus, seus...

AUGUSTO RODRIGUES: Eu vou, eu vou levantar aqui pra mim aparecer no filme também.

JOSÉ FERREIRA: Ah! Pois não. Eu vou ficar aqui mesmo, né?

AUGUSTO RODRIGUES: Muito obrigado!

JOSÉ FERREIRA: Pois é, espero ter servido pra alguma coisa, né, Augusto?

AUGUSTO RODRIGUES: Eu acredito que sim, eu acredito que forma uma ideia, da... Do Flávio, né?

JOSÉ FERREIRA: Uhum.

AUGUSTO RODRIGUES: Da... Muita coisa o senhor soube, confirmou o que a gente já pensava dele.

JOSÉ FERREIRA: Sim.

AUGUSTO RODRIGUES: Mas pra mim teve um fato novo, que é essa coisa dele ficar com medo da... De falar alguma coisa com alguém.

JOSÉ FERREIRA: É.

AUGUSTO RODRIGUES: Eu fico... Pensava muito “por que que eles não fala disso, né?” Era o receio...

JOSÉ FERREIRA: Ele se isolou nessa parte.

AUGUSTO RODRIGUES: É, tipo um receio, tem um espião aí.

JOSÉ FERREIRA: Realmente ele... Ele não tinha medo, ele pôs isso como princípio.

AUGUSTO RODRIGUES: Uhum.

JOSÉ FERREIRA: Porque podia chegar quem que fosse nele ele não ficava assim, né? Porque quando a pessoa tem medo, ele fica, né, assim assustado. Ele não. Firma, mas fala: “ô, eu não possa abrir mão dessa coisa”. E a Camila também, né?

CAMILA AMERICANO: Muito prazer!

JOSÉ FERREIRA: Tudo de bom pra você! Obrigado pela presença, né? Então tá bom! Eu nem usei isso aqui, Augusto, ó...

AUGUSTO RODRIGUES: Ah! Perdão.

JOSÉ FERREIRA: Faça o favor...

AUGUSTO RODRIGUES: Mas o moço tem que tá aí, tá continuando aquilo lá...

JOSÉ FERREIRA: Olha, olha hein...

AUGUSTO RODRIGUES: Cês param, mas depois não fala nada não, que...

JOSÉ FERREIRA: Deixa eu passar por lá, passar ali... É... Tá falando... Gravando o que nós tamos falando, né?

AUGUSTO RODRIGUES: É, continua gravando... Vocês voltam agora? Quantas horas? (Trecho incompreensível)